

A VIÚVA¹

I. Galvão de Queiroz Neto



[10]² Estendido a fio comprido na cama ainda desfeita, Felisberto olhava vagamente o céu sem nuvens, onde um bando de urubus fazia evoluções, quando o negrinho da pensão veio bater à porta do seu quarto, dizendo-lhe que em baixo estava um rapaz que lhe queria falar. Como se já esperasse por aquela visita, mal voltou a cabeça para dizer que o mandasse subir, e recaiu na prostração anterior. Estava visivelmente doente. Tinha as faces lívidas e encovadas, os olhos circundados por acentuadas olheiras e um brilho estranho no olhar. Quando Claudio entrou, tentou erguer o corpo para falar-lhe, mas o rapaz, notando-lhe o aspecto de fraqueza e o ar doentio, obstou que o fizesse. Abraçou-o deitado mesmo, não sem estranhar encontrá-lo naquele estado, ele, de ordinário forte e saudável, antes. Explicou-lhe, então, que recebera aquela manhã mesmo a sua carta e que se apressara em vir. Que ali estava e esperava que o amigo dissesse o que desejava e em que ele lhe poderia ser útil. Indagou o que sentia, se chamara médico, o que estava tomando, desde quando adoecera. Queria saber tudo

¹ QUEIROZ NETO, I. Galvão de. A Viúva. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 1424, p. 10-11, 28 dez. 1929; ano XXIX, n. 1425, p. 52, 4 jan. 1930.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

e perguntava tudo de uma vez. Com visível esforço, Felisberto procurou na cama posição mais cômoda e, depois de ter coordenado as ideias, começou com voz um pouco fraca:

— Sabes em que circunstâncias eu vim para aqui, depois daquela desinteligência com meu tio. Uma vez chegado, conseguindo um regular emprego, tratei de reiniciar os meus estudos. Vim morar nesta pensão, sendo sempre bem tratado por D. Judith, a proprietária, uma senhora idosa que não sei se [11] viste ao entrar. Um dia, ao vir para casa, achei tudo isto em reboição e, como encontrasse D. Judith, ela me explicou que esperava a chegada de uma irmã que enviuvara em Sergipe e voltava para sua companhia. Três dias depois, ao sair, de manhã, para o trabalho, encontrei na escada o pequeno dos mandados, que me foi logo anunciando, com entusiasmo: ‘A viúva, irmã da patroa, diz que chega hoje!!!’.

“Uma tal chegada era, então, a grande novidade, a nota de sucesso do dia. Mas que tinha eu que ver com a irmã viúva da patroa, que chegasse ou se deixasse ficar onde estava? Entretanto, sem querer, saí pensando na nova companheira de residência. Imaginava então a espécie de mulher que seria a tal viúva, naturalmente velha, aborrecida, feia, estigmatizada com uma magreza de múmia pelas vigílias com que acompanhara os últimos dias do marido, morto pela tísica... Um trapo qualquer, talvez tísica também, que vinha agora carpir entre nós a sua viuvez, em risco de nos contaminar a todos com a moléstia que trazia. Ah! mas se fosse assim, eu é que não permaneceria na pensão; sairia dali o quanto antes, pois não estava para ir fazer companhia ao seu defunto marido!

“Os trabalhos do dia absorveram-me completamente e à noite, ao regressar, nem mais me recordava da viúva. Qual não foi, pois, a minha

surpresa, quando D. Judith me apresentou, como sua irmã, uma bonita mulher, regulando trinta anos, conservada, elegante, com um corpo maravilhoso, olhos lindíssimos e maneiras distintas! Mostrou-se grandemente afável, neste primeiro encontro, e eu não tive outro jeito senão me mostrar cortês. Outras vezes tornamos a nos avistar e, com o correr dos dias e das palestras, aos poucos se estabeleceu entre nós maior intimidade. Uma noite, como estranhasse eu estudar até madrugada sem tomar nenhum excitante para evitar o sono, ofereceu-se para fazer café e, embora eu recusasse, insistiu, teimou, e acabou indo ela mesma prepará-lo. No outro dia, como eu lhe agradecesse, dizendo me ter feito bem, prometeu que todas as noites o café ficaria aos seus cuidados, promessa que cumpriu sempre fielmente. Foi desde então que comecei a me sentir doente. Já não podia, apesar do café, ficar estudando até tão tarde e às vezes, logo depois de tomá-lo, sentia sono e um relaxamento completo da vontade, sendo forçado a me deitar. Acordava, sempre com uma pressão desagradável na cabeça, olhos doridos, boca amarga e um inexplicável mal-estar. Mas achava que não era nada e não tinha, mesmo, tempo para cuidar em doenças. Comecei a emagrecer, ao mesmo tempo que perdia cada vez mais o apetite.

Decorreu assim um bom lapso de tempo e, de dia para dia, era maior a minha fraqueza. Comecei a inquirir-me, então, sobre a causa provável do meu estado, positivamente anormal, e acabei chegando à conclusão de que o mal só poderia vir daquele café que eu continuava tomando, todas as noites. Ao mesmo tempo, dei em observar que me tinham aparecido no corpo diversas manchas, cuja origem eu desconhecia, manchas como que resultantes de prolongadas sucções feitas sobre a pele. Resolvi então não tomar por algumas noites o café que Marietta preparava, observando se isso

me traria alguma melhora. Nesta mesma noite, em vez de ingeri-lo, botei-o fora e com surpresa constatei que não sentia a costumada sonolência. Sem saber o que pensar, nervoso e preocupado, fiquei em tal excitação que se apoderou de mim terrível insônia. A casa entrara em silêncio. Já havia batido duas horas da manhã, sem que tivesse podido pregar olho, quando um vulto de mulher se aproximou desta janela, que habitualmente dorme aberta. Mantive-me quieto, deixando-a aproximar-se. Veio até aqui e, com agilidade masculina, galgou o peitoril, sem esforço. Creio que não preciso dizer que era Marietta... Só o desejo de ver em que acabaria aquilo é que me continha no fundo do leito, sossegado. Pé ante pé, acercou-se de mim. Olhou-me a fingir que dormia. Depois, lenta, buscando meu braço sob as cobertas, arregaçou-me a manga da [52] camisa, escolheu o local e, rápida, com mão firme, introduziu-me na carne um alfinete. O sangue aflorou, enquanto eu, a custo, continha um gemido. Então, ávida, sedenta, com ganidos de prazer, colou a boca à ferida e se pôs a sugar-me desesperadamente.”

Felisberto fez uma pausa. E a custo, rematou:

— Hoje Marietta vem aqui, tem vindo, com o meu consentimento. Em troca de suas carícias eu lhe dou algumas gotas do meu sangue. Como vês, é um sacrifício bem compensado, mas estou reduzido a esta fraqueza e receio não resistir. Foi assim que essa mulher matou o marido. Preciso fugir a isto; preciso que me auxilies a pôr um termo a esta situação. Mas estou cada dia mais apaixonado por Marietta e não tenho coragem, por mim mesmo, de reagir. Não posso... Para isto é que te mandei pedir para vires aqui.”



Ele mesmo ajudou-a a entrar, como fazia agora, e recebeu-a com um beijo. Dirigiram-se para o leito, onde, sem maiores delongas, ele se recostou, estendendo o braço. Narinas dilatadas, na antecipação do gozo doentio, ela se acercou; apalpou-lhe o braço forte, premendo as veias salientes. Repetiu a operação habitual e uma gota de sangue surgiu na pele branca. Curvou-se, então, lentamente, aspirando forte, adaptou os lábios ao ponto que ferira e permaneceu silenciosamente alguns segundos, em demorada sucção.

Súbito, com gesto brusco, afastou o braço ferido e levou a mão à garganta. Parecia querer gritar. Tinha os olhos desmesuradamente abertos e a expressão de um sofrimento horrível. Respirava com grande dificuldade, acometida de forte dispneia. Com as mãos crispadas, rasgou a frente do roupão, num gesto louco. Escancarou a boca, num ríctus, horrorosamente, e caiu ajoelhada no tapete. Durou um largo espaço de tempo aquela agonia terrível. Felisberto, atônito, sem compreender o que se passava, olhava-a, assombrado. Marietta, tendo escorregado para o chão, estorcia-se em dores. Espumava abundantemente; a espuma levemente rósea escorria pelo canto da boca. De repente, num espasmo, enrijou-se toda, vergou-se para trás e ficou imóvel.

Só então Felisberto mediu as consequências de tudo aquilo. Pensou mil coisas, no espaço velocíssimo de um segundo. Louco, de um pulo galgou o peitoril da janela, pulando para a área. Dominara-o o pânico. Sem saber o que fazia, alucinando completamente, enveredou, como estava, pelo corredor escuro. A escada da rua, desceu de um único pulo. Ganhou a rua, ofegante e ia enfiar-se, correndo, pela transversal, quando alguém com mão

de ferro lhe conteve os passos. Quis gritar, mas a voz de Claudio o chamou à calma. Um auto os esperava, na esquina. Tomaram-no.

Varredores passavam, com suas vassouras às costas. Os trilhos tinham brilhos laminados de focos refletidos. E Felisberto, com a cabeça sobre o peito do amigo, soluçando como uma criança, ouvia-lhe a palavra calma, enquanto corriam:

— Amanhã mesmo partirás. Voltas para o Rio. Está tudo acabado. O veneno que te friccionei no braço, enquanto dormias, fez, realmente, o efeito desejado. Formidável veneno, aquele! Mas o essencial é que estás salvo...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação digital: Rebeca Riga
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras



Tênebra

tenebra.org